

# Violência gera violência

Celso Brant

**É** inútil pensar em acabar com a violência usando a violência. Só uma ordem justa tornará possível o convívio fraterno entre os homens, cada um ajudando o outro a levar o pesado fardo da vida. Dizem que existe uma violência excessiva entre nós, mas essa violência parte dos donos da vida, que impõem a sua vontade a ferro e a fogo. O Estado, que deveria regular as relações entre os vários setores sociais, se transformou no cão de guarda dos donos da vida. Até aqui a história humana pode ser resumida numa frase: as minorias, mobilizadas, dominam as majorias, imobilizadas. As limitações dos meios de produção justificaram, até determinada época, a manutenção de uma injusta distribuição de rendas e riquezas. O avanço da ciência e da tecnologia tornou possível, nos nossos dias, a criação de uma ordem justa, em que todos os homens poderiam dispor de razoável condição de vida. Ao invés disso, o que se observa é o surgimento de uma ordem ainda mais injusta, em que os mais poderosos e os mais ousados se assenhoreiam de todas as riquezas, lançando a maior parte dos homens em uma situação de injustificada miséria.

Erram os que acreditam que a segurança pública seja um problema de polícia. Ela só pode ser alcançada por um projeto político

em que os interesses essenciais de todos os cidadãos sejam atendidos. Em uma sociedade como a nossa, em que minorias criminosas e insensíveis mantêm as majorias em situação de indigência, a violência dos oprimidos é a única forma de luta que lhes resta. A revolta é a nobreza do escravo. Até os animais acuados se tornam agressivos. Lembro-me de um fato acontecido, recentemente, na África em que uma manada de elefantes, submetida a uma grave crise de fome, se rebelou, destruiu aldeias e plantações e tudo o que encontrou pela frente. É preferível a desordem que leva à justiça do que a ordem que mantém a injustiça.

**A** violência, muita vez, é a única forma que os marginalizados encontram para expor o seu inconformismo e para testemunhar o seu desejo de luta. Em um Brasil em que um ministro da Fazenda diz que o salário mínimo de R\$ 151 é suficiente porque dá para comprar uma cesta básica e ainda sobram R\$ 20, não é de estranhar que sejam feitos assaltos em plena luz do dia, e que a polícia não tenha condições de manter a ordem pública.

Antigamente, no nosso País, quem ganhava um salário mínimo era considerado um infeliz, pela sua incapacidade de atender à mínima necessidade do trabalhador. Hoje, o detentor do salário mínimo é um afortunado por-

que, pelo menos, tem um emprego, o que não acontece com a maioria dos nossos operários, lançados, pela incompetência do governo, a uma crise avassaladora de desemprego.

Em um País em que tudo está por ser feito, o desemprego só pode existir por decisão do governo, por um plano criminoso de destruir as bases da economia nacional.

O mesmo governo que diz que não pode aumentar o salário mínimo porque quebraria a Previdência Social, encontra meios e modos de elevar para R\$ 23 mil o teto para o funcionalismo público. Nos países do Primeiro Mundo, a diferença entre o menor e o maior salário é de 1 para 10. No Brasil, é de 1 para 156. Para ganhar o que um marajá do serviço público recebe em um mês, o operário de salário mínimo tem de trabalhar 14 anos.

**É** claro que enquanto persistir no nosso País a atual concentração de rendas e riquezas, será inútil falar em segurança pública. O nosso povo é ordeiro e bom. A violência não está na sua índole. Mas, enquanto lhe quiserem impor, a ferro e a fogo, a atual ordem injusta, usará de todos os meios para demonstrar o seu inconformismo. Inclusive, a violência.

---

**Celso Brant é escritor e secretário do Trabalho de Minas Gerais**